

NOVAS ABORDAGENS CURRICULARES: USO E FUNÇÕES DO VÍDEO EM PESQUISA DE SALA DE AULA

Iracema Campos Cusati

Universidade de São Paulo, Universidade do Estado de Minas Gerais, Centro Universitário UNA

iracema.cusati@usp.br; iracema.bh@terra.com.br

Resumo

O novo século iniciou mitificado como a nova era, em que os avanços são tão acelerados que o futuro se torna, de certa forma, desconhecido. Nos últimos anos o mundo passou a conviver com um processo de expressivas mudanças sociais, culturais e econômicas. O mundo depara-se com uma nova forma de ver o tempo, o poder, o trabalho, a comunicação, a informação, as instituições e, especialmente, a educação e o ensino, foco da reflexão neste trabalho. A abordagem propõe a constatação das exigências de mudança na atualidade, decorrentes do quadro complexo em que se dá a educação escolar hoje para pensar os novos rumos para a formação do professor. O vídeo é uma das tecnologias que mais se tem destacado nos últimos anos. De acordo com esta proposta, são apresentados aqui os resultados da investigação desenvolvida considerando as possibilidades de análise do uso do vídeo em sala de aula. Este estudo analisa a utilização do vídeo como instrumento de mediação pedagógica no processo de ensino e aprendizagem utilizando-se de uma pesquisa do tipo exploratório-descritiva. Por meio dos dados obtidos, pôde-se inferir que a maioria dos professores utiliza o vídeo como instrumento didático educativo, no entanto, esta utilização é limitada a vídeos motivacionais, apontando para a possibilidade de que tal recurso venha a ser utilizado para ampliar as oportunidades de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação, conhecimento, vídeo, ensino-aprendizagem.

Abstract

The new century began mythicized as the new era, where the progresses are so fast that the future becomes, in a certain way, unknown. In the last years the world started to live with a process of expressive social, cultural and economical changes. The world faces a new way of view time, power, work, communication, information, the institutions and especially, the education and the teaching, focus of the reflection in this paper. This approach proposes the observation of the complex situation of education in schools nowadays and the need for changes in the formation of the teacher. The video is a technology that has been more prominent in recent years. According to this proposal, are presented here, the results of the investigation developed considering the analytic possibilities to the video insertion in the classroom. This paper presents the results of a poll that examines the use of video as an educational tool for mediation in the process of teaching and learning is in the exploratory-descriptive type. The main results may be pointing: the teachers mostly use the video as a didactic tool of education. However, this use is limited to motivational videos, which shows a potential for use in order to allow an expansion in opportunities for learning that this feature allows.

Keywords: Education, knowledge, video, teaching-learning.

1. INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo tem apresentado expressivas mudanças nas várias áreas do conhecimento e das atividades sociais. Essas mudanças e transformações avançam pelas novas tecnologias de informação e comunicação entre as quais destacam o computador, o rádio e a televisão. É nesse contexto, que a escola, especificamente, a sala de aula, está envolvida e sofre influências das mudanças atuais, advindas da cultura. Nesse estudo discuto a presença das novas tecnologias na escola, precisamente, qual o significado do vídeo na sala de aula, uma vez que o vídeo proporciona acesso a uma pluralidade cultural com variadas interpretações na construção do conhecimento. Para tratar do assunto, estruturei o trabalho em três partes nas quais proponho uma reflexão das funções do vídeo no ensino, nos trabalhos de pesquisa e a interação dessas funções.

1.1 O vídeo na escola

Com as novas tecnologias, foram introduzidos, pelos governos estaduais e pelo governo federal, projetos na educação brasileira que visam embasar o professor no uso dos vídeos educativos em suas práticas pedagógicas. O foco era promover a leitura das narrativas escritas às múltiplas leituras dos vários tipos de recursos audiovisuais para a capacitação de professores e utilização desses nas práticas pedagógicas. Nos dias atuais, o professor, ocasionalmente, na sua prática pedagógica, utiliza vídeos educativos. Estes, por sinal, são produzidos por instituições brasileiras que atuam na produção de vídeos didáticos. Uma reflexão sobre a mudança de significado do vídeo na escola permite definir “(...) o que são velhas e novas tecnologias, como estamos qualificando as tecnologias, a partir de que referencias, de que sujeitos envolvidos e de quais contextos”. (COSCARELLI, 2006, p.44)

Em torno desse relativismo que ocorre ao identificarmos uma tecnologia como nova ou velha, afirma Coscarelli (2006, p.44): “Uma velha tecnologia dos centros urbanos, como o rádio pode ser uma inovação em determinados contextos sociais e uma nova tecnologia pode ser considerada velha porque não modifica as relações dos sujeitos

envolvidos como ocorre, muitas vezes, na sala de aula. O atributo de velho ou novo, não está no produto, no artefato, em si mesmo ou na cronologia das invenções, mas depende da significação do humano, do uso que fazemos dele.” (COSCARELLI, p.44)

Uma (re)significação, novo significado, um sentido educativo para o vídeo no cotidiano escolar poderá acontecer quando mudanças profundas ocorrerem na escola, em especial, na sala de aula, pois nela, é realizada a atividade fim da educação – a aprendizagem. Diante disto, questiono: os vídeos educativos usados na sala de aula atingem seus objetivos? Com os programas e vídeos “educativos” os professores prestigiam apenas o “conteúdo” e não a forma. Ou seja, exibem programas prontos para desenvolver uma aula sobre determinado tema. O que importa para eles é transmitir um dado assunto. Cumprir o plano da aula. Utilizar o vídeo como um recurso da metodologia de trabalho. Desta maneira, o uso do vídeo não contribui para formar cidadãos críticos, apenas leitores passivos.

Na exploração do conteúdo e da forma, simultaneamente, o professor dá ao vídeo um significado educativo. O vídeo torna-se meio para se aprender uma nova linguagem na comunicação entre sujeitos.

1.2 O Vídeo e sua função investigativa

Para transformar as gravações das aulas em dados para as pesquisas, é possível selecionar o que se denomina “episódios de ensino”, isto é, documentação do cotidiano em momentos extraídos de aula nos quais destacam uma situação a que se propõe investigar. Um dos critérios utilizados para seleção dos episódios pode ser identificar situação de aula que envolva diversos tipos de interação professor-aluno e/ou aluno-aluno.

O episódio como um recorte metodológico justifica-se em função de que, nessa perspectiva, ele pode ser considerado um fragmento ou parte de um processo mais amplo em que indícios de novas elaborações emergem. O enfoque etogênico, segundo Harré (1979), pode ser considerado uma perspectiva interpretativa dos atos humanos considerados como o resultado consciente de uma ação planejada segundo regras e planos socialmente estabelecidos. Para Harré (1979), episódio é um conceito de

grande importância na análise dos atos humanos, pois seria qualquer divisão da vida social que inclui comportamentos, sentimentos, intenções e planos dos participantes. A criação de episódios é uma forma de delimitar um conjunto de enunciados para análise, possibilitando a observação de sua dinâmica de forma contextualizada. Entretanto, é importante não perder de vista o panorama geral no qual estão inseridos esses episódios.

O uso dessa documentação do cotidiano leva à multiplicidade de possibilidades e formas de organização e seleção do material a ser utilizado.

O episódio é parte da aula, ou seja, um recorte de uma aula, que apresenta sequências chave que foram selecionadas. Essas sequências, que se relacionam com as perguntas do pesquisador, podem ser, por exemplo, a participação dos alunos levantando hipóteses durante a resolução de um problema, a argumentação que aparece em um debate entre professor e alunos, os tipos de perguntas que professores fazem a seus alunos, as explicações dos professores aos alunos, as discussões dos alunos após a leitura de um texto ou da resolução de um problema etc.

Um dos pontos considerados de suma importância nas gravações em sala de aula diz respeito às questões éticas, pois as sondagens em salas de aula são pesquisas que envolvem pessoas e, portanto, deve-se ter o cuidado de discutir com os professores os objetivos do trabalho.

Outro cuidado necessário é considerar que haja interferência mínima nas aulas e, portanto, a classe acostumar com a pesquisadora que grava todas as atividades é essencial. Do ponto de vista teórico, pode ocorrer interferência, pois todo e qualquer instrumento interfere no fenômeno a ser estudado. Porém, as lentes de uma câmera presentes na sala de aula, tendo um pesquisador por trás, permitem ultrapassar os limites do observável em relação aos processos de ensino e aprendizagem e possibilitará avançar nas pesquisas didáticas e, conseqüentemente, propor intervenções significativas nas práticas escolares. Nesse sentido, é premente a organização e a caracterização das salas de aula, das atividades pedagógicas realizadas na escola, das oficinas de intervenção pedagógica nos espaços escolares utilizados onde os episódios foram produzidos. Para utilizar as imagens como dados de

observação, o planejamento da filmagem é essencial para que aspectos importantes não sejam perdidos. Esses momentos contextualizam a proposta de trabalho do docente, indicam a forma como se estrutura o diálogo na relação professor-aluno e a dinâmica a ser utilizada nas equipes de trabalho. Com a videogravação é possível perceber o processo da aula em suas características específicas (entonação de voz e expressões fisionômicas) e características gerais (relação professor-alunos, organização da aula, estrutura da sala, etc.). Esses dados possibilitam também compreender a dinâmica das interações, como se estrutura o discurso dos alunos, quais estratégias discursivas são por eles utilizadas para garantir a dinâmica da elaboração do conhecimento.

Por sua configuração tecnológica, o vídeo permite pesquisar o comportamento das pessoas, a análise de condutas individuais e de grupos no intuito de descobrir aspectos que os definem.

1.3 A possibilidade de interação de funções

As inúmeras possibilidades educativas e didáticas de um meio tecnológico, o vídeo revela-se como instrumento de produção, de gravação e de difusão. É possível preparar textos e ações porque a liberdade de criação resgata a função lúdica à baila.

O aluno aprende ensaiando diferentes formas de resolução e avaliação, por meio da interação, do compromisso educativo com a narratividade, com o conflito e as emoções.

Segundo Moran (2002) a televisão alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético, tanto das crianças, jovens e adultos em geral, repassando essa visão para as salas de aulas.

Em pleno século XXI, os alunos vivenciam um mundo completamente diferente de algum tempo atrás, onde as maiores informações adivinham dos livros. Essa nova geração midiática já chega à escola com sede de aprender algo que lhe seja atraente, significativo, pois já estão conectados no celular, nos videogames, na internet e são telespectadores desde a infância.

A escola tem o desafio de educar essa nova geração, com a televisão e o vídeo na sala de aula, como geradores de polêmicas, motivadores e informadores.

Nos diversos caminhos pedagógicos, o recurso da TV aliado ao vídeo na escola, pode ser utilizado na sala de aula, abordando o uso do áudio e vídeo e sua influência na aprendizagem. Tanto o vídeo como a mídia televisiva, se bem empregados pelo professor, enriquecem a aula e o ambiente escolar e proporcionam uma aprendizagem mais significativa, considerando que “somos tocados pela comunicação televisiva sensorial, emocional e racionalmente” (FIORENTINI; CARNEIRO, 2001, p.25).

Para seu uso deve-se levar em conta o planejamento do professor, priorizando os objetivos a serem desenvolvidos durante a sua aula, a fim de efetivar a aprendizagem.

A utilização do vídeo exige prioritariamente uma checagem inicial dos aspectos técnicos (qualidade do material, qualquer que seja duração, cor, som, imagem) e pedagógicos (aspectos mais importantes, cenas, adequação à faixa etária, linguagem, assunto, outros).

Além desses cuidados citados anteriormente, outros mais precisam ser considerados na utilização do vídeo em sala de aula. Formas inadequadas podem causar transtornos e descaracterizar seu uso, comprometendo o trabalho do professor.

O vídeo escolhido corretamente serve para ampliar o conhecimento dentro da sala de aula, fornece ao professor diversos procedimentos técnicos como: adiantar, congelar imagens, retornar, utilizar trechos escritos importantes e focalizar cenas com maior precisão. Vale ressaltar que o vídeo não é um meio audiovisual puramente reprodutor de imagens, mas uma tecnologia a favor da aprendizagem.

Ferrés (1996, 2001) destaca que o vídeo é um meio de comunicação e um meio de ensino e apresenta diversas maneiras de utilizar o vídeo como: vídeolição, vídeoapoio, vídeoprocesso, programa motivador, vídeo interativo e etc.

Os vídeos podem e devem ser utilizados como estimuladores da aprendizagem. Antes de iniciar um novo assunto, utilizar um vídeo desse teor seduz os alunos a adentrarem no espaço imagético.

Os meios audiovisuais por si só, já encantam a todos com as suas reflexões, é como entrar em espaços que nos levem a sonhar, refletir, seduzir nossas emoções para um

melhor entendimento dos fatos. A ilustração pode elucidar, explicar, exemplificar, adornar filmes e vídeos; auxiliam no enriquecimento do produto, daquilo que se pretende apresentar em sala de aula.

Incentivar os alunos a se expressarem através de gravações próprias é um excelente meio de educá-los para a tecnologia. Dessa forma eles poderão apreciar as próprias produções e reverem seus aspectos comunicacionais.

Portanto, o vídeo nos traz inúmeras possibilidades de uso, porém se faz necessário que o professor antes de tudo domine essa mídia. A ação de domínio requer constante pesquisa e reflexão quanto ao seu uso.

O vídeo bem empregado em sala de aula trará inúmeros benefícios à aprendizagem dos alunos desde que seja usado com intencionalidade pedagógica.

Nas trocas sociais, isto é, na interação dos sujeitos entre si, a cultura se organiza e se configura a partir de uma permanente transformação. As relações sociais que são estabelecidas nos diferentes contextos culturais partilhados, que nos constituem, são entendidas aí como o núcleo central do desenvolvimento humano, por meio de um processo que se estende por toda a vida. Considerar a primazia desse aspecto social não significa, no entanto, desvalorizar a atuação do homem como sujeito ativo, portador de uma individualidade, pois ele é construído ao mesmo tempo em que se constrói, sendo produto e produtor da sua própria história. Mas como é possível pensar em uma autonomia do homem - o que significa em certo sentido a questão da sua responsabilidade - se o fator social é encarado de forma tão determinante? Em outras palavras, se o social é tão fundamental na construção das subjetividades humanas e nas ações que delas derivam, há realmente lugar para a individualidade e a autoria do homem nessas ações?

2. CONCLUSÃO

O mundo atual foi marcado pelas invenções tecnológicas nos meios de informação e comunicação. Num contexto de mudanças, a escola lentamente acompanha o que ocorre fora dela, na sociedade contemporânea. O vídeo é uma tecnologia que dentro da escola deve ter o significado educativo e não apenas um mero recurso audiovisual e

instrumental na prática pedagógica. Portanto, tem tanta importância quanto o livro didático e na sala de aula deve propiciar a democratização do conhecimento e da cultura alargando o potencial de leituras e interpretações dos alunos diante do mundo e da realidade que chega até eles. O professor tem um papel imprescindível nesse processo de construção de conhecimento, uma vez que, pode usar essa tecnologia para desenvolver a autonomia, a criticidade e a cidadania dos alunos.

REFERÊNCIAS

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). (2006) *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 41-44.

DI PIERRO, M.C. (1995). Alfabetização de Jovens e adultos e televisão: possibilidades e limites. In *Comunicação e Educação*. São Paulo: Moderna/USP, nº 5, p.38.

EDWARDS, D.; MERCER, N. (1988) *El conocimiento compartido: el desarrollo de la comprensión en el aula*. Buenos Aires: Paidós.

FERRÉS, Joan. (1996) *Televisão e vídeo*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 7-11.
Tradução de Beatriz Affonso.

_____. (1996) Critérios para a utilização didática do vídeo. In *Vídeo e educação*. Artes Médicas, cap. 3. Tradução de Beatriz Affonso.

_____. (1996) Funções do vídeo no ensino. In *Vídeo e educação*. Artes Médicas, cap. 4. Tradução de Beatriz Affonso.

_____. (2001) Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. In SANCHO J, Maíra (Org). *Para uma Tecnologia Educacional*. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas.

- FIORENTINI, L. M. R.; CARNEIRO, V. L. Q. (org.). (2001) TV na escola e os desafios de hoje: Curso de extensão para Professores do Ensino Fundamental e médio da Rede Pública. Unirede e Seed/Mec. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v.1, 2 e 3.
- FORQUIN, J. (1993) *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GÓES, M.C.R. (1997) As relações intersubjetivas na construção do conhecimento. In: SMOLKA, A.L.; GÓES, M.C.R. (orgs.). *A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação*. Campinas: Papirus, p. 11-28.
- HARRÉ, R. (1979) Social being: a theory for social psychology. Cap. 3. In _____. *The analysis of episodes: act/action structure*. Oxford: Basil Blackwell Publisher, p. 45-61.
- MORAN, José Manuel. (2002) Desafios da televisão e o vídeo à escola. Texto de apoio ao programa Salto para o Futuro da TV Escola no módulo TV na Escola e os Desafios de Hoje no dia 25/06/2002. Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/tedh/tedhtxt2b.htm2>. Acesso em: 15 dez. 2011.
- Ponte, J. P., & Matos, J. F. (1992). Processos cognitivos e interações sociais nas investigações matemáticas. In P. Abrantes, L. C. Leal, & J. P. Ponte (Orgs.), *Investigar para aprender Matemática* (pp. 119-138). Lisboa: Projecto MPT e APM.